

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: REPRESENTAÇÕES DO PERSONAGEM
NEGRO JOÃO GRANDE, DO LIVRO CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO**

Bianca Gomes de Souza –
UEL – biancasouzag@outlook.com;
Marleide Rodrigues da Silva Perrude –
UEL – marleideperrude@gmail.com.

Eixo 4: Educação Inclusiva

Resumo

Manifestando-se de forma implícita, o racismo no Brasil ainda é muito presente e naturalizado. Desse modo, para combatê-lo é necessário discutir questões raciais nos cursos de formação de professores, principalmente no ambiente escolar. O texto relata um trabalho desenvolvido junto à disciplina Educação e Diversidade do curso de Pedagogia, que trabalhou com a análise de literatura infantil e infanto-juvenil a partir da seguinte indagação: Como personagens negros e indígenas são apresentados nas obras de literatura infantil e infanto-juvenil? Há marcas de estereótipos e de preconceito racial? Assim, com o objetivo de promover uma reflexão acerca do tema diversidade étnico-racial foi realizado um estudo teórico sobre o tema preconceito racial, estereótipos e racismo, discutiu-se a importância da literatura infantil e infanto-juvenil na construção da identidade negra e analisou-se o livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Utilizando-se da metodologia de análise interpretativa e crítica, o livro foi analisado e os resultados indicaram que a obra carrega as marcas do contexto em que foi escrita e expressa estereótipos direcionados à imagem do negro. Conclui-se, portanto, que é necessário o trabalho com a literatura em sala de aula como possibilidade de desconstrução dos estereótipos, rompendo o preconceito racial que afeta negativamente a construção da identidade negra.

Palavras-chave: Racismo; Estereótipos; Capitães da Areia.

Introdução

Respaldado na crença da existência de uma hierarquização entre as raças, o racismo atinge, principalmente, as populações negra e indígena, que possuem desvantagens socioeconômicas e de representação em espaços de poder e decisão (ROCHA, 2016). No Brasil, há diversos pactos internacionais para a defesa

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

dos direitos humanos e combate ao racismo¹. Além disso, a Constituição Federal brasileira, de 1988, prevê a prática de racismo como crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, em seu artigo 5º inciso XLII. Outra lei que visa erradicar atos racistas é a lei federal nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” (BRASIL, 1989).

Apesar de tantos recursos para o combate ao racismo, ele ainda se faz muito presente na atualidade, sobretudo no Brasil. De acordo com Rocha (2016, p. 11), o racismo

se manifesta de diferentes formas, desde atitudes no âmbito das relações individuais, a relações estruturais e institucionalizadas. Manifesta-se tanto em ações concretas de discriminação racial, como em atitudes de omissão frente a injustiças decorrentes da condição étnico-racial.

Sendo assim, trabalhar o racismo em sala de aula é fundamental para abrir discussões com as futuras gerações e quebrar estereótipos e preconceitos presentes na sociedade brasileira atual. No entanto, conforme demonstram pesquisas (FIGUEIRA, 1990 apud SANT’ANA, 2005), a inferiorização do negro é fortalecida na escola por meio de livros didáticos e de políticas educacionais que afetam negativamente o indivíduo negro. Figueira ainda aponta que os professores declaram não receber orientações pedagógicas para lidar com questões raciais em sala de aula. Como consequência disso, o preconceito pode se manifestar no ambiente escolar por meio de brincadeiras ou apelidos alusivos à cor, entre outros (SANT’ANA, 2005).

Dessa forma, é importante realizar discussões a respeito de questões raciais em sala de aula. Para a construção dessa discussão, a literatura, em especial a infantil e infanto-juvenil, pode auxiliar servindo como base para se trabalhar situações com personagens fictícios, trazendo-as para a realidade. A literatura infanto-juvenil, segundo Lima (2005), possui uma tríade formada por livros pequenos, leitores

¹ No conjunto pode-se destacar a Marcha Zumbi de Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, em 1995. Conferência de Durban, em 2001. Criação da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), em 21 de março de 2003 (Extinta no governo Bolsonaro); Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

crianças e personagens adaptados para a infância, sendo assim um material auxiliar para trabalhar ideias, conceitos e emoções.

Com o objetivo de promover uma reflexão acerca do tema diversidade étnico-racial, foi realizado um estudo teórico sobre o tema preconceito racial, estereótipos e racismo, discute-se a importância da literatura infantil e infanto-juvenil na construção da identidade negra e analisa-se o livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

Metodologia

Para a realização do estudo, utilizou-se a metodologia de análise interpretativa e crítica (MARCONI; LAKATOS, 2003). Esse método foi realizado em três fases. Na primeira, procurou-se associar ideias expressas pelo autor do texto, no caso o livro *Capitães da Areia*, com outras ideias de conhecimentos do pesquisador a respeito do mesmo tema. Na segunda fase foram realizadas uma crítica e uma emissão de juízo sobre as ideias expostas e defendidas. Nesse momento foi escrita a análise do livro com base nas leituras feitas previamente. Por fim, realizou-se um resumo para discussão, que está exposto neste artigo.

O trabalho foi elaborado com os seguintes procedimentos: a) revisão bibliográfica: Gomes (2005); Sant'Ana (2005); Sousa (2005); e Silva (2014); b) análise documental: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004). [Lei nº 10.639/2003](#)² (BRASIL, 2003), Lei 11645/2008³ e Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010); c) Seleção da literatura infantil ou infanto-juvenil para análise; d) Identificação e análise da imagem do negro e da população indígena na obra selecionada; e) Elaboração de uma síntese e socialização do trabalho.

² [Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003](#). Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

³ [Lei nº 11.645, de 10 março de 2008](#). Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Teoria e método

Até o século XV a discriminação e o preconceito racial não existiam. As formas de segregação e discriminação baseavam-se em fatores religiosos, políticos, de nacionalidade ou de linguagem e não por diferenças biológicas, como nos dias atuais. “O racismo, como ideologia elaborada, é fruto da ciência europeia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. A ideologia racista se manifesta a partir do tráfico escravo, mas adquire o *status* de teoria após a revolução industrial europeia” (SANT’ANA, 2005, p. 42).

No entanto, o racismo não surgiu repentinamente, mas é fruto de um longo processo de propagação de ideologias que visavam a exploração da mão de obra dos povos. No princípio, a fim de justificar a escravidão indígena e negra no século XV, o branco colonizador se baseou na concepção de Aristóteles, que defendia que uma parte dos homens nasceu forte, resistente e destinada ao trabalho duro, enquanto outra parte nasceu fisicamente débil, porém possuidora de dotes artísticos, capacitada para realizar grandes processos nas ciências filosóficas e outras (SANT’ANA, 2005). A partir disso o racismo foi elaborando-se. Por conseguinte, a discriminação e o preconceito se fortaleceram e criaram fortes raízes, resultando no racismo atual.

Preconceito é “uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos” (SANT’ANA, 2005, p. 62). Ele, por si só, não fere direitos, pois reside apenas na consciência. Estereótipos são uma prática do preconceito que visam “justificar uma suposta inferioridade; justificar a manutenção do status quo; e legitimar, aceitar e justificar: a dependência, a subordinação e a desigualdade” (SANT’ANA, 2005, p. 65). Quando exteriorizados, esses termos se materializam na discriminação, uma “conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros” (SANT’ANA, 2005, p. 63). Juntamente, a discriminação racial é

qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objeto ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou exercício, em condições de igualdade, os direitos humanos e

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

liberdades fundamentais no domínio político, social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública. (SANT'ANA, 2005, p. 63).

Essas distinções, num sentido mais profundo, geram o racismo, definido como uma teoria ou ideia que defende a existência de uma relação de causa e efeito entre as “características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E, somados a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras” (BEATO, 1998 apud SANT'ANA, 2005, p. 60).

O racismo individual refere-se à manifestação por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos; e seu extremo inclui violência como agressões, destruição de bens ou propriedades e, no mais extremo, assassinatos (GOMES, 2005). O racismo institucional, por sua vez, se faz presente de forma implícita por meio de práticas discriminatórias estimuladas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Essas práticas se manifestam com o isolamento de não brancos em certos locais; em livros didáticos, ao retratar a imagem não branca de forma estereotipada ou na ausência da história não branca no Brasil; na mídia, ao representar não brancos de maneira indevida e equivocada. O extremo do racismo institucionalizado inclui “perseguição sistemática e o extermínio físico (genocídio, limpeza étnica e tortura)” (GOMES, 2005, p. 53).

Na sociedade brasileira o racismo se manifesta de forma ambígua (GOMES, 2005), pois no Brasil há a constante negação do racismo e do preconceito racial. Entretanto, pesquisas demonstram que negros são discriminados e vivenciam a desigualdade racial no País. Essa negação resulta no apagamento de debates acerca da situação racial do País, o que faz com que o racismo, por não ser debatido, cresça ainda mais.

Ao não se discutir o racismo, prevalecem ideias como a democracia racial, uma “corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento” (GOMES, 2005, p. 57). Esse mito é nocivo, pois nega a discriminação racial contra os negros no Brasil; perpetua estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial; e sustenta discursos meritocráticos numa sociedade desigual.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

O Movimento Negro vem rompendo com esse mito ao lado de pesquisadores que se posicionam contra o racismo.

Sendo assim, é necessário discutir o racismo para que a discriminação racial seja findada. Papel que a escola deve cumprir por meio da construção de práticas e estratégias de superação do racismo e da desigualdade racial. De acordo com Gomes (2005, p. 60):

Os(as) professores(as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores(as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro, ou seja, é preciso superar e romper com o mito da democracia racial.

Existem leis que preveem trabalhar a cultura negra em sala de aula e que pode levantar debates acerca do indivíduo negro no Brasil. As principais leis a respeito são a 10.639/2003 e 11.645/2008, ambas assinadas pelo ex-presidente Lula.

Portanto, trabalhar o racismo e a cultura negra em sala de aula com crianças e adolescentes é fundamental para que essa discriminação seja erradicada, além de ser obrigatório por lei. Ademais, trabalhar a questão racial com os discentes pode resultar no fortalecimento da autoestima e na formação da identidade negra.

A identidade é uma construção social, histórica, cultural e plural que “[...] implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro” (GOMES, 2005, p. 43). Na sociedade brasileira atual, a identidade negra é construída de forma negativa e pautada no pensamento que para ser aceito o indivíduo negro deve negar a si mesmo (SOUSA, 2005), a exemplo das mulheres negras que alisam seus cabelos crespos para serem aceitas ao terem cabelos lisos.

A autoestima é definida por Sousa (2005, p. 115) como o “[...] conceito valorativo que o indivíduo faz de si mesmo ou de seu grupo em comparação com os conceitos e valores atribuídos aos outros grupos com os quais convive e atua socialmente”. Apesar de ser algo que o próprio indivíduo faz de si mesmo, ela é construída pela influência das representações sociais predominantes no seu meio.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Essa identidade negativa e baixa autoestima são reforçadas diariamente com a cultura de relacionar pessoas negras a coisas negativas (SOUSA, 2005). Isso pode ser visto ao procurar a palavra “negro” no dicionário Aurélio, definida como: “indivíduo da raça negra; Sujo, encardido. Maldito, perverso. Escravo” (FERREIRA, 1986 apud SOUSA, 2005, p. 106), enquanto “branco” aparece como “indivíduo da raça branca. Sem mácula, inocente, puro, cândido, ingênuo: alma branca” (FERREIRA, 1986 apud SOUSA, 2005, p. 106).

Dessa maneira, abrir discussões a respeito de questões raciais é relevante não apenas para combater ao racismo, mas para construir uma identidade positiva e boa autoestima na vida da juventude negra. Uma das formas de iniciar essa discussão é utilizando-se de meios que os discentes já possuem contato, como por exemplo, desenhos, filmes, séries e livros.

No entanto, conforme apontam estudos relacionados à imagem do negro na literatura, o negro abordado nas histórias e em suas ilustrações geralmente vem carregado de estereótipos. De acordo com Lima (2005), a representação da figura negra, principalmente em histórias do século XX, é majoritariamente vinculada à escravidão e ao sofrimento e os enredos “naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade negra passou” (LIMA, 2005, p. 103). Além disso, há a representação da mulher negra como caricaturas de empregadas domésticas.

A divulgação da imagem negra com esses estereótipos acarreta em imagens e/ou narrativas pouco dignas, na qual o destaque do personagem não está em sua profissão, inteligência ou outros atributos e sua integridade, mas na caricatura de um negro bobo, desajeitado, grotesco e sofrido. Sendo assim, procurou-se analisar um dos personagens negros do livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, para identificar se sua imagem no romance corrobora com os estereótipos apontados pela bibliografia apresentada.

Resultados e Discussão

Capitães da Areia, um dos principais livros de Jorge Amado, é marcado pelo conflito de pobres contra ricos, fracos contra fortes, pequenos marginais

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

contra a sociedade opressora (HATOUM, 2008). De forma explícita, denuncia as questões da desigualdade social, da miséria, do abandono e de como as crianças pobres são tratadas no Brasil. De acordo com o autor nessa obra Jorge Amado apresenta as raízes dos problemas sociais: “a ausência da família e da escola, agravada pela vida degradante nas favelas e cortiços de tantas cidades”.

O livro, após de mais de setenta anos de sua primeira edição, continua a ser lido como um registro social de certa época e lugar e como uma obra literária que evoca um drama humano que perdura nos dias atuais. Entretanto, na época de seu lançamento, não foi bem recebido. A obra foi queimada em praça pública, em Salvador, e depois censurada.

O contexto em que se encontra o livro é da segunda fase do movimento modernista, após a década de 30, com o chamado projeto ideológico. De acordo com Lafetá (2000, apud RUY-SÊCCO, 2016), esse período é marcado pela consciência da luta de classes, que se insere em todos os lugares, incluindo a literatura. Nessa fase, vivenciou-se um período de politização, no qual preocupava-se mais diretamente com os problemas sociais e produzia-se “ensaios históricos e sociológicos, o romance da denúncia, a poesia militante e de combate” (RUY-SÊCCO, 2016, p. 169), propiciando assim um debate em torno da história nacional, da situação de vida do povo no campo e na cidade.

É pautado nesse contexto de denúncia social por meio da literatura que o livro *Capitães da Areia* é produzido, apontando assim para os problemas de desigualdade social presentes no Brasil de 1937 e no Brasil atual. O foco do autor não foi abordar racismo ou questões raciais de forma explícita, e sim a desigualdade social. Apesar disso, é possível analisar como Jorge Amado retrata personagens negros em sua obra.

O foco da análise será o personagem João Grande e como ele é descrito, retratado e suas ações⁴. João Grande é descrito como negro; 13 anos; órfão; dentes alvos; o mais alto e mais forte do bando; na rua há quatro anos. O narrador, do tipo onisciente, chama quase sempre João Grande de “negro”, enquanto os outros personagens, brancos ou não, são sempre citados por seus nomes.

⁴ A obra não possui um único protagonista, o grupo dos Capitães age como protagonista. No entanto, o livro cita com mais frequência alguns meninos, como por exemplo, Pedro Bala, o chefe dos Capitães; Pirulito; Sem Pernas; Gato; Dora; e João Grande.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Com relação à descrição, o personagem é constantemente chamado de burro e sua força física é sempre evidenciada: “doía-lhe a cabeça se tinha que pensar [...] disposto a qualquer briga”; “esse negro é burro como uma porta”; “o negro era muito mentiroso”; “o mais burro de todos” (AMADO, 2008, p. 30-31, 52, 58, 79). O personagem é chamado dessa maneira tanto pelo próprio narrador quanto pelos personagens da história.

Essa descrição corrobora com o que aponta Silva (2014), que diz que os personagens negros são sempre retratados com características inferiores, como no caso da “burrice” de João. Essa inferiorização do negro ocorre também com outros personagens, a exemplo de Boa-Vida, descrito como “*mulato troncudo e feio*” (AMADO, 2008, p. 44, grifos meus). Por outro lado, há a exaltação de características positivas de personagens brancos, como no caso de Gato, descrito como “*alvo e rosado [...] o mais elegante do grupo*” (AMADO, 2008, p. 44, grifos meus).

Souza (2005) afirma que a desvalorização dos alunos negros pode prejudicar seu desempenho escolar. Sendo assim, a ênfase na “burrice” de João pode se manifestar como um aspecto negativo na construção da identidade e autoestima de alunos(as) negros(as). Outra frase que merece destaque é “teve vontade de dizer que o padre era bom como João Grande, mas pensou que talvez o padre se ofendesse se ele o comparasse ao negro” (AMADO, 2008, p. 79). Esse diálogo corrobora com Sousa (2005, p. 109), que aponta “ser reconhecido ou reconhecer alguém como negro soa, muitas vezes, como coisa negativa ou insulto, por ser associado à condição inferior”.

Apesar de João Grande ser descrito negativamente, os meninos do grupo, em especial Pedro Bala, possuem apreço e admiração pelo personagem, por o acharem bondoso e por confiarem na proteção de João. Ademais, o personagem também é descrito como amável, dócil e cuidadoso. Essas características vão contra a ideia da masculinidade tóxica do homem negro, que sempre o retrata como um homem que não se emociona, bruto, movido a instintos animais (CONRADO; RIBEIRO, 2017). Mesmo assim, um dos personagens, Professor, considerava João Grande um “macho de verdade” (AMADO, 2008, p. 51).

A relação de João Grande com outros personagens é de parceria, assim como a maioria das outras relações entre os meninos. Novamente indo contra a ideia de masculinidade tóxica do homem negro, em que ele é considerado uma

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

máquina de fazer sexo (CONRADO; RIBEIRO, 2017), João Grande não se envolve sexualmente com outros personagens, diferentemente de Gato e Pedro Bala, por exemplo. João também respeita e possui um bom relacionamento com as personagens femininas, como no caso de sua relação com Dora, em que ambos se consideram irmãos.

Conforme dito anteriormente, a narrativa de *Capitães da Areia* se baseia na discussão a respeito da desigualdade social e da violência contra crianças abandonadas. No entanto, o autor não apresenta apenas personagens negros, mas há a presença de crianças pobres brancas (como por exemplo, Pedro Bala e Dora). Essa presença não apenas de indivíduos negros não contribui com o que diz Sousa (2005, p. 110): “quando os textos, livros ou histórias se referem à pobreza, violência e outras mazelas sociais, geralmente, os negros aparecem nos personagens, nas ilustrações e no conteúdo do texto, não raro como protagonistas”.

Silva (2014) afirma que as mulheres negras na literatura mal aparecem. Isso pode ser observado no livro de Jorge Amado, em que há pouca aparição de mulheres negras e, quando aparecem, se dá ênfase na forma de seu corpo, como no trecho “porque os negros mesmo quando estão andando naturalmente é como se dançassem” (AMADO, 2008, p. 89), em que o narrador descreve as nádegas de uma menina negra de 14 anos; e em outras frases que falam a respeito dos seios de Don’Aninha, mulher adulta amiga dos Capitães.

Sendo assim, embora o livro se apresente com uma escrita voltada a questões sociais e defenda o combate ao racismo e discriminações, os personagens negros são estereotipados em suas ações, falas e na narração.

Conclusões

Com o objetivo de promover uma reflexão acerca do tema diversidade étnico-racial, a partir da representação do negro na literatura infantil e infanto-juvenil, relatou-se uma ação desenvolvida junto à disciplina Educação e Diversidade do Curso de Pedagogia.

Ao realizar a análise do livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, percebe-se que o livro é uma literatura pertinente para ser utilizada em discussões a respeito da desigualdade social, negligência do Estado, abandono de incapaz e

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

violência contra crianças e adolescentes. No entanto, o livro perpetua estereótipos ao retratar personagens negros. E isso não se dá pelo fato de o autor colocar personagens negros em situações de rua ou cometendo atos contra a lei, uma vez que há personagens brancos com essas características, mas de outras formas. Um exemplo disso é o fato de João ser constantemente chamado de burro pelos personagens e pelo narrador, enquanto o mesmo não acontece com outros personagens, brancos ou pardos (chamados de mulatos ou mestiços pelo narrador). A obra reforça a representação da identidade negra negativa e gera baixa autoestima, em que o(a) estudante negro(a) pode se sentir inferiorizado intelectualmente por esses comentários.

É importante destacar que a obra *Capitães de Areia* expressa um momento e o contexto em que foi escrita, assim a contextualização desse tempo é um importante elemento para análise e desconstrução dos estereótipos que algumas obras reforçam. O trabalho desenvolvido revela as possibilidades pedagógicas do trabalho com a literatura infantil e infanto-juvenil para a implementação da Lei 10639/2003.

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 283 p. Posfácio de Milton Hatoum.

BRASIL. **Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 5 jan. 1989. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 06 ago. 2019.

_____. **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 9 jan. 2003. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 06 ago. 2019.

_____. **Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 10 mar. 2008. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 06 ago. 2019.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem negro, negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 25, p.73-97, jan. 2017.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: BRASIL. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-64.

HATOUM, Milton. O carrossel das crianças. *In*: AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 283 p.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 101--117.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

ROCHA, Roseli. **Série assistente social no combate ao preconceito: racismo**. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, 2016.

RUY-SÊCCO, Marília Reis. Comunismo em gestação: análise de Capitães da areia, de Jorge Amado. COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB, 3., 2016, Breves. **Anais** [...]. Breves: Universidade Federal do Pará, 18, 10, 20 fev. 2016. ISSN 2358-1131

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-68.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Negros e brancos nos livros dirigidos à infância. *In*: COSTA, Hilton; SILVA, Paulo Vinicius Baptista (org.). **Olhando para nós mesmos: alfabetização da diáspora e Educação das Relações Étnico-Raciais**. Curitiba: NEAB-UFPR, 2014. p. 55-70.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reprodução do preconceito. *In*: BRASIL. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 105-120.